

Sheila Danielle Fernandes de Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Sheiladanielle23@hotmail.com

Jetro Xavier da Costa Lopes

Escola da Assembleia Legislativa do RN

jetgilma@bol.com.br

O GÊNERO E OS DISCURSOS DE SABER/PODER PRESENTES NOS CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar sobre as relações de gênero na relação saber/poder presentes nos discursos dos professores do ensino de História, em escolas públicas, estadual e municipal da cidade de Pau dos Ferros. O estudo deu-se em uma turma do ensino fundamental (6º ano), EJA (7º período) e ensino médio (2º ano). Adotamos para esta pesquisa a abordagem qualitativa, utilizando-se como instrumentos a observação não participante e a entrevista semiestruturada. Procuramos a partir destes instrumentos de pesquisa compreender sobre a formação acadêmica, social e cultural dos professores para entendermos a partir daí sobre as suas concepções e percepções quanto aos aspectos pesquisados. Assim, entendemos a relevância deste trabalho para que os professores possam refletir diante das relações de poder que perpassam por todos os âmbitos da nossa sociedade sem que muitas vezes nos dermos conta disso. Com esse entendimento, é possível questionar de forma crítica questões até então despercebidas.

Palavras-chave: Relações de poder. Ensino de História. Gênero

Introdução

O processo de ensino aprendizagem acontece numa relação entre professores e alunos em uma contínua troca de experiências. Sendo assim, é imprescindível que o professor sendo aquele que tem a incumbência de mediar os debates e discussões acerca dos conteúdos que ministra, que ele tenha uma consciência crítica, que segundo Freire (1979), acontece através do processo educativo de conscientização, diante não só dos conteúdos com os quais trabalham, mas também do contexto no qual vive, como um todo, tornando possível aos alunos ampliar também suas visões diante daquilo que lhes são colocados como verdades.

Desse modo, ao entender que as relações de poder se fazem presentes não só nos conteúdos da disciplina de História como também no contexto vivido por nós, sentimos a necessidade de entender como os professores do ensino de História percebem as relações de poder manifestadas pelas relações de gênero nos conteúdos ministrados da referida disciplina e os trabalha em sala de aula com seus alunos.

Dentre alguns trabalhos publicados sobre o interesse de nossa temática, podemos destacar: O trabalho de Santos e Coutinho (2010), que abordam a questão do discursos histórico presente nos livros didáticos de História, procurando analisar as ideologias presentes nos discursos existentes nesses livros e como estes discursos se materializam no meio social. Ou seja, procura entender a leitura que os professores fazem dos discursos ideológicos presentes nos livros didáticos, especificamente referente à História.

Colling e Tedeschi (2015), procuram identificar através dos discursos e práticas sociais e culturais que nomearam ou silenciaram as mulheres na história. Neste caso, o trabalho trata da questão das relações de poder entre homens e mulheres no decorrer da história e na disciplina de História, procurando questionar os discursos em que as mulheres foram colocadas como inferiores aos homens. Ferreira (2010) Investiga as práticas, saberes e formação dos professores de História em instituições de ensino superior, analisando a partir daí a constituição do saber em espaços que são permeados pelas relações de poder. Hipólito (não tem o ano) trata da questão referente ao poder do Estado sobre o ensino de História e como os professores reconhecem essa interferência como uma forma de poder e trabalham com essa questão em sala de aula.

Aquino e Pereira (2015), por sua vez, abordam as relações de poder estabelecidas em sala de aula entre professores e alunos, a afim de entender através de um contexto de interação mediado pela linguagem, o distanciamento que ocorre entre estes sujeitos em vista do

determinado poder do professor sobre o aluno e que faz com que essa diferença de posições reflita em um distanciamento entre eles.

Sendo assim, de acordo com nossas pesquisas, percebemos que alguns trabalhos publicados contemplam a questão das relações de poder de forma a abranger apenas aspectos seja das relações de poder na escola, seja da questão das relações de poder entre os gêneros.

Entendemos a necessidade de compreendermos sobre a forma como se dão as discussões durante as aulas de História, pela importância de que o aluno consiga fazer relações entre os conteúdos ministrados durante as aulas e a sua própria realidade. Visto que a forma como o professor entende e percebe, tanto os conteúdos da disciplina de História quanto as questões rotineiras relacionadas a mesma, refletirá diretamente na forma como o aluno apreende tais discussões, levando-os ou não a uma reflexão crítica. Tudo isso fará grande diferença na forma como o professor conduzirá as discussões e posteriormente o entendimento dos alunos sobre determinados conteúdos.

Este trabalho surgiu de inquietações e trocas de experiências durante convívio entre professores da disciplina de História por ocasião de aulas, palestras, discussões e vários momentos em que tivemos a oportunidade de interagir com colegas da referida disciplina durante períodos em que trabalhei e estagiei em escolas do ensino médio. São também frutos de reflexões sobre a nossa própria prática docente ao perceber as diversas dificuldades enfrentadas por professores do ensino de História no tocante a necessidade de se trabalhar de forma mais dinâmica e interativa proporcionando aos alunos uma visão mais ampla diante dos conteúdos ministrados durante as aulas. Sendo assim, este trabalho, tem como objetivo geral:

- Investigar os discursos dos professores da disciplina de História sobre as relações de gênero para entender como percebem as relações de poder presentes nos conteúdos da disciplina que ministram.
- Objetivos específicos:
 - ✓ Analisar a interação entre professores e alunos durante o desenvolvimento dos conteúdos, a fim de perceber se há e de que forma acontece o diálogo entre eles quando se trata das relações de poder.
 - ✓ Investigar como os professores da disciplina de História se apropriam das discussões presentes nos conteúdos que ministram

- ✓ Identificar qual a concepção dos professores sobre hierarquias de poder, entre homens e mulheres, nos conteúdos de História que ministram

Dessa forma, entendemos que a pesquisa irá contribuir com o trabalho dos docentes, na medida em que estes reflitam sobre a forma de conduzir o componente curricular de História. A partir de uma reflexão sobre essa temática, o professor irá avaliar seu trabalho enquanto docente do referido componente curricular para que assim permitam e estimulem os alunos a se questionarem de maneira mais profunda sobre a forma como os conteúdos lhes são apresentados e os discursos de poder que estes carregam.

Metodologia

Abordamos aqui o percurso metodológico que adotamos em nosso trabalho, assim como o nosso campo de pesquisa e os sujeitos com os quais trabalhamos. O trabalho pauta-se em uma abordagem qualitativa, utilizando-nos como aportes a pesquisas bibliográfica, observação não participante, entrevista, pesquisa de campo (MINAYO, 2009) como meios para desenvolver o trabalho.

A abordagem qualitativa segundo Minayo (2008, p. 57), “[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.” Assim, essa abordagem nos permite “[...] desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação.” (MINAYO, 2008, p. 57). Procuramos trabalhar com questões que envolvem sujeitos e práticas docentes no ambiente escolar.

A escolha por tal abordagem se deu pela dinâmica da pesquisa que almeja trabalhar com pessoas a fim de entendermos sobre suas concepções e percepções de mundo, além de procurar entender sobre o universos de significados que fazem parte dos seus contextos, constituindo assim um entendimento sobre questões relacionadas às relações de poder, que fazem parte dos nossos cotidianos e que serão abordados neste trabalho.

A pesquisa, também teve um cunho exploratório; iniciamos fazendo um levantamento bibliográfico para o tomarmos como aporte teórico e aprofundar as discussões propostas; assim como uma visita anterior à escola pesquisada, além de conversas informais com a equipe do local a fim de conhecermos melhor o ambiente de um modo geral.

Neste caso, com o intuito de analisarmos a dinâmica de interação entre professores e alunos em sala de aula, e como se dão as discussões, optamos pela observação não participante, uma vez que neste tipo de observação “o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora”. (MARCONI, LAKATOS; 1999, p.92). Assim, procuramos perceber no interior da sala de aula como se dá a dinâmica das discussões durante o desenvolvimento dos conteúdos; como os professores se colocam diante de determinados assuntos; o aprofundamento que estes professores têm sobre os conteúdos ministrados e a relação que faz com a realidade atual. Neste caso, devemos reconhecer que a maneira como o professor compreende determinada questão está diretamente relacionada com sua subjetividade — os saberes científicos são articulados aos saberes subjetivos dos professores.

Já no primeiro encontro com os professores explicamos sobre a pesquisa e seus objetivos e dialogamos sobre a permissão dos mesmos para que acontecesse a pesquisa e observação em suas aulas, explicando sobre a nossa presença apenas como observador, não esboçando nenhum tipo de interferências nas aulas.

Optamos também por trabalhar com a entrevista aberta focalizada que segundo Gil (2010, p. 105) este tipo de entrevista, “[...]embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão”. Assim, a entrevista se delineará com foco nas concepções dos professores entrevistados sobre as hierarquias de poder existentes entre homens e mulheres e que estão presentes nos conteúdos da disciplina de História.

Procuramos entender também sobre algumas concepções pessoais dos professores entrevistados sobre a questão das relações de gênero, uma vez que suas subjetividades de acordo com Tardif (2002) estão relacionadas diretamente com o modo como os professores percebem as coisas, e neste caso, os conteúdos da disciplina com as quais trabalham. A visão dos professores entrevistados sobre as questões de gênero nos dará a oportunidade de entender suas visões sobre a questão da hierarquia entre homens e mulheres presentes nos conteúdos da disciplina de História.

Também focamos nos principais conteúdos abordados durante o ano letivo pelos professores do ensino de História; quais os conteúdos prioritários na visão desses professores e o porquê de tais conteúdos serem considerados com maior relevância do que outros; as suas concepções sobre o próprio ensino de história tendo em vista os conteúdos que ministram.

Resultados e discussão

A História como uma disciplina nos remete muitas vezes a fatos somente do passado, o que acaba gerando uma visão limitada por parte dos alunos, talvez pela própria forma como a história nos é ensinada – através da divisão de acontecimentos, dividindo-se entre passado e presente, entre rupturas e descontinuidades como coloca Foucault (2010).

Para tanto, é necessário que o professor ofereça aos alunos diferentes linhas de pensamento para que estes tenham a oportunidade de perceber primeiramente que não há uma única “verdade” e um único ponto de vista sobre determinados conteúdos. E também que eles percebam a importância da história como algo que irá fazê-lo pensar criticamente sobre uma diversidade de fatores da vida social.

Para isso, julgamos necessário compreender um pouco sobre a própria escrita da história e como esta é passível de diversos questionamentos desde a sua escrita pelos historiadores até chegar a sala da aula onde esses escritos serão mediados pelos professores. Como se constrói um texto histórico? Por quem é construído e validado para que possa circular na sociedade? Seria preciso que apenas os professores da disciplina de história compreendessem o que o livro explana para conseguir explicar e discuti-lo com os alunos?

Percebemos pois, que a escrita da história atende antes um público específico que valida ou não os conteúdos de acordo com determinados critérios que serão colocados ao público. Nesse sentido, se faz necessário atentarmos para os conteúdos que são escolhidos por grupos específicos, para que se compreenda as ideologias presentes nestes trabalhos que chegam à sociedade depois de uma longa caminhada de escolhas e negações.

Sendo assim, [...] “o estudo histórico está muito mais ligado ao complexo de uma fabricação específica e coletiva do que ao estatuto de efeito de uma filosofia pessoal ou à ressurgência de uma ‘realidade’ passada. É o produto de um lugar.” (Certeau, 1982, p. 64). E este produto é resultado de uma série de fatores que envolvem o contexto com o qual se trabalha. Certeau (1982, p. 68), ainda afirma que para que se entenda o que a história diz de determinada sociedade é preciso antes saber como esta funciona dentro dela, onde são permitidas alguns tipos de produção e proibidas outras, em função de sua conjuntura e problemáticas comuns.

Certeau (1982, p. 24), ao se referir à construção histórica, enfatiza -a como uma prática resultante de discursos e as relações que estes possuem entre si sob a forma de uma produção. Essa produção partiria segundo o autor, de uma infinidade de discursos que podem

ser produzidos diante de determinado objeto e que também são históricos, pois[...] “é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente.” (Certeau, 1982, p.27). Perceber a história e os mecanismos de poder que a circundam, remetem a questão de entender o contexto no qual ele se organizou. São inúmeros os discursos que podem circundar um mesmo acontecimento.

Os aspectos colocados principalmente por Certeau (1982) no que concerne ao modo de produzir história nos remete a necessidade urgente de uma profunda reflexão não só na forma como se ensina História aos alunos, mas sobretudo às relações de poder que permeiam a sociedade, o contexto no qual vivemos, assim como também em outros âmbitos da sociedade, visto que de uma forma ou de outra tudo está ligado. A história acontece por meio de “histórias” que são produzidas por todos e por cada um através de gestos, ações, discursos, etc. e que aparecem como um produto final de leis e regras a serem cumpridas.

Dessa forma, é perceptível e de extrema relevância a necessidade de o professor não só da disciplina de História, mas neste caso é dessa disciplina que tratamos especificamente, perceber essas questões para que haja um ensino de qualidade. Para isso se faz necessário que o professor não se limite apenas ao ensino de História em si, mas também atente para questões sociais como política, economia, dentre outras que permeiam a sociedade e a direcionam em sua forma de agir e pensar.

Por isso, a formação do professor, não só acadêmica mas também pessoal, é fator relevante ao modo de como este percebe e se coloca diante da sociedade. Sendo assim, julgamos importante fazermos uma discussão em torno dos saberes experienciais dos professores para entendermos essa relação entre formação acadêmica e formação pessoal e a influência desta última no modo de se colocar diante de determinadas situações e como consequência levar isso aos alunos.

Saberes docentes experienciais

Considerando a complexidade do assunto e o caráter polissêmico sobre os saberes docentes, julgamos necessário compreender um pouco sobre os saberes que os professores desenvolvem ou trazem para a sala de aula e de que forma contribuem para o desenvolvimento dos alunos. Para isso, tomaremos por base o pensamento de Tardif (2002) que elenca alguns saberes que são desenvolvidos antes como construções que vão se edificando de acordo com suas vivências do que como modelos pré estabelecidos sobre modos de ser professor.

Segundo Tardif (2002), alguns dos saberes dos professores são adquiridos com o tempo em que este atua na profissão docente. Esses saberes advêm das próprias histórias de vida. A própria experiência escolar enquanto estudante, serve como referência a alguns professores, o que pode ser considerado um erro grave, se levado em conta que desde alguns anos, o ensino teve significativas mudanças tanto no ensino em si como na forma de se lidar com a diversidade de comportamentos, opiniões e diferentes pontos de vista dos alunos.

Sendo assim, é imprescindível que os professores possuam uma formação que lhes proporcione capacidade de discernimento entre as coisas para que possam perceber a pluralidade de saberes que compõem uma educação com vistas ao respeito, a reflexão e a uma compreensão ampla e sólida.

Por isso se faz necessário que professores estejam atentos as discussões em torno de debates que envolvem a história para que assim possam discutir com seus alunos de maneira esclarecedora e pontual, apontando várias fontes de conhecimento para que as coloquem em conflito, fazendo com que percebam as diferenças e divergências de ideias expostas por parte dos autores e até mesmo das pessoas de uma forma geral.

Desse modo, devemos entender que a subjetividade de cada professor é fator importante no desempenho do seu trabalho enquanto docente. Pois, “Todo professor transpõe para a prática aquilo que é como pessoa.” (TARDIF, 2002, p. 145). E neste caso, cabe-nos também entender sobre a formação pessoal dos professores investigados a fim de compreender suas concepções sobre alguns temas dos conteúdos da disciplina de História, que estes professores trabalham com seu alunos. Acreditamos assim que suas concepções pessoais direcionam e orientam suas práticas estando a elas incorporadas.

A forma como percebem as coisas podem partir não só de concepções pessoais, religiosas, morais, mas também advindas de suas leituras, estudos, influências de professores no decorrer de suas formações, enfim, é inquestionável a subjetividade dos professores no seu processo educativo. “Aliás, uma grande parte das práticas disciplinares do professor inclui juízos normativos sobre as diferenças entre o que é permitido e o que é proibido.” (TARDF, 2002, p. 179). Tudo isso nos leva a perceber o quanto os professores orientam suas práticas por meio de suas próprias ideologias que são construídas através de suas experiências existenciais.

Se diante de algum tema que o professor terá que trabalhar em sala de aula existirem ideologias que se choquem com as experiências pessoais e ideologias do professor, este

poderá encaminhar a discussão de acordo com suas concepções, direcionando consequentemente o entendimento dos alunos.

Nesse sentido, a Escola dos Annales traz para o debate questões que nos faz perceber o quanto os conteúdos de História estão permeados pelas relações de poder ao enaltecer determinados acontecimentos em detrimento de outros.

Os Annales, de acordo com Burke (1992), foi uma revista idealizada primeiramente por Block, e posteriormente Febvre que já tinha tentado lançar uma revista sobre história econômica que por sua vez fracassou, posteriormente os dois unem-se como editores para lançar uma nova revista baseada nos Annales. Sargentini (2004, p.84) afirma que a concepção de história dos Annales é a de que é uma ciência em construção, fugindo assim do positivismo que mantém fechadas concepções sobre fatos determinando-os como se fossem inquestionáveis quando na verdade se faz necessário que seja questionada para melhor compreendê-la.

A escola dos Annales segundo Sargentini (2004, p.85) propõe ainda a descentralização do homem na história, pois segundo essa concepção tudo é história, ela está em todos os lugares e aspectos e necessita ser vista como tal. Dessa forma “[...] permite o estudo de objetos heterogêneos, abrindo caminhos para os estudos de uma *‘história em migalhas’*. (SARGENTINI, 2004, p.85). Dessa forma, o enfoque sairia das consideradas figuras ilustres para os pequenos detalhes e pessoas comuns muitas vezes ignorados pelos historiadores.

Esse pensamento abre um leque de possibilidades ao estudar a história, pois permite perceber melhor as coisas por meio de fatores até então negligenciados por aqueles que fizeram história dando enfoque apenas a figuras que ganharam destaque em determinados períodos. É a partir dessa concepção da história que nasce a Nova História “[...] que considera as questões sociais e culturais, que levam o historiador a observar as relações de poder, já que a difusão de domínio cultural tem como mediadores grupos sociais possuidores de um discurso dominante de poder.” (SARGENTINI, 2004, p. 85 – 86). E são esses discursos que validam ou não a história.

É importante que os docentes do ensino de História consigam fazer relações entre os acontecimentos históricos e os problemas que assolam o mundo contemporâneo, promovendo discussões e interações sobre acontecimentos atuais, trazendo-os para a realidade presente. São essas entre outras coisas que irão fazer com que o aluno se interesse pelas aulas de História e, acima de tudo, se aproprie dos conteúdos ministrados e os utilizem em suas vidas.

Desse modo, a História, concebida como processo, intenta aprimorar o exercício da problematização da vida social como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber diferenças e semelhanças, conflitos/contradições e solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma analítica e crítica diante do presente e buscar as relações possíveis com o passado. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio 2006, p. 74)

Um professor não deve se deter a transmitir os conteúdos dos livros e dividi-los em história antiga versus história atual. É daí que se insere a nossa problemática. Seria necessário fazer primeiramente com que o aluno perceba como foram ao longo dos tempos instituídos os saberes que lhe são colocados como verdades. Perceber as relações de poder existentes nos domínios da história. Essas relações de poder segundo Foucault (2010), não acontecem apenas entre as grandes figuras colocadas pela história, mas nas ramificações, entre aqueles que não tiveram tanto destaque também nos livros de História.

Nesse sentido, faz-se necessário que os professores do ensino de História, não só estejam atentos às mudanças ocorridas no tempo histórico, para que compreendam as mudanças que vem ocorrendo no âmbito da História, como também consigam fazer uma leitura atenta sobre os discursos colocados por aqueles que ditam regras, estabelecem hierarquias e se colocam como donos da “verdade”, para que assim, possa realmente ajudar a construir a criticidade no aluno.

Se os professores não estiverem atentos aos discursos que são produzidos como forma de direcionar o pensamento das pessoas, os alunos se tornarão meros reprodutores e condicionados a seguirem de acordo com padrões sociais que são criados para satisfazerem os que estão no poder. Como exemplo disso, podemos citar também os currículos e programas escolares. Como bem expressa Bittencourt (2004), estes são um forte instrumento de controle do Estado no ensino.

O poder para Foucault, não é tido como algo que se possui. Ele é exercido ou praticado por pessoas, grupos sociais que se encontram em situações privilegiadas. Ao interpretar Foucault, Barbosa (2004, p. 113) afirma que “[...] não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. É preciso, antes, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos.” O que existe segundo o autor, não é um poder que determina diretamente comportamentos e situações, são relações de poder que se materializam em diferentes situações e instâncias. [...] “ao invés de perguntar como o soberano aparece no topo, tentar

saber como foram constituídos, pouco a pouco, progressivamente, realmente e materialmente os súditos, a partir da multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc.” (FOUCAULT, p. 102).

Assim, as práticas discursivas vão tomando formas de maneira a ganhar sentidos que condicionam as pessoas a pensarem ou agirem de diferentes formas, a depender das posições que ocupam em cada contexto. Nessa direção, Barbosa (2004, p. 108), chama atenção para a compreensão sobre o discurso sob a ótica de Foucault. Ele afirma que este não deve ser entendido como um acontecimento, pois, [...] “acontecimento não é uma coisa, um objeto consistente, não é substância, acidente, qualidade ou processo. Não é também da ordem dos corpos, mas nem por isso deixa de ter uma materialidade, já que é justamente na materialidade que ele tem efeito e lugar”. [...] Ele é feito de censuras que dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções; é um corte ou recorte que se realiza livremente na realidade, um acúmulo ou uma seleção de elementos. (FOUCAULT, APUD BARBOSA, 2004, p. 109).

Dessa forma, o discurso não deve ser compreendido como algo já finalizado e buscado em sua origem, considerando que haveria aí uma verdade, no entanto, o discurso emerge de interpretações, as mais variadas a depender de cada contexto e situação em que ele aparece.

Quando determinadas pessoas ou grupos são capazes de se sobrepor a outros através de discursos de dominação, estes se naturalizam e impõem verdades a partir de um dos principais mecanismos colocados por Foucault (1979) que é o saber. Essas relações entre saber e poder, para Foucault (1979), estão em todos os lugares. Na família, sala da aula, consultório médico, etc. E nem sempre se dá de forma autoritária, coercitiva. Pelo contrário, aparece de forma sutil, condicionante.

Conclusão

Este trabalho que teve como foco investigar os discursos dos professores do ensino de História no intuito de perceber como as relações de poder se estabelecem entre os gêneros, nos possibilitou a compreensão de que os professores ainda estão muito presos a discursos historicamente construídos e que veem as relações de gênero de forma hierárquica, onde os lugares estão ainda marcados dentro das relações de poder.

Sendo assim, é imprescindível que os professores compreendam que a percepção que os mesmos tem de gênero acontece nas relações de poder/saber e que são historicamente

construídas e validadas como verdades absolutas, e que dessa forma, é necessário uma desmistificação de uma falsa superioridade de um gênero em detrimento de outro, para que assim, haja uma educação pautada no respeito pela diversidade.

REFERÊNCIAS

Acessado em 22/04/2018. Disponível em <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/download/1783/960>: AQUINO, N. R. M.; PEREIRA, B. G. O olhar da semiótica francesa sobre as relações de poder na sala de aula. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 04, n. 02, p. 80–92, jul./dez. 2015.

ALARCÃO, Izabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

AQUINO, N. R. M.; PEREIRA, B. G. **O olhar da semiótica francesa sobre as relações de poder na sala de aula**. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 04, n. 02, p. 80–92, jul./dez. 2015.

ARIÈS, P. (1981). **História social da criança e da família** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo** — tradução Sérgio de Milliet. – 2. ed. – Rio de

BITTENCOURTT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. (org.). 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. tradução de Maria de Lourdes Menezes. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLLING E TEDESCHI. **O ensino da história e os estudos de gênero na historiografia brasileira** *Uberlândia* (53): 295-314, jan./jun. 2015. Acessado em 21/04/2018. Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32777>

FERREIRA. **Cartografia das relações de saber/poder no ensino de história nas universidades públicas em fortaleza**. Fortaleza, 2010. Acessado em: <http://uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jana%C3%ADna.pdf>
HIPÓLITO, Paulo. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/> Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. – 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____, **Microfísica do Poder**; organização e tradução. – Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, sexualidade e educação**. - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. – 4 ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. (orgs.); **Currículo, cultura e sociedade**. 7. Ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

SANTOS E COUTINHO. **O discurso histórico presente no livro didático**: uma abordagem ideológica e historiográfica. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 837-856 Acessado em 20/04/2018. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3632477>

SARGENTINE, Vanice; BARBOSA, Pedro Navarro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004

SILVA, Tomaz Tadeu de. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed., 11ª reimpressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNDINE. Disponível em: <https://undime.org.br/> Acessado em: 14/08/2018.

Observatório da igualdade de gênero: Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/>. Acessado em: 20/08/2018